

O LEGADO DE HENRIQUE E FRIEDA LIEBICH PARA A TEOLOGIA DA CRIANÇA

Por meio da pesquisa histórica sobre o surgimento do Lar de Crianças Henrique Liebich podemos perceber que uma família se dedicou totalmente à ação social, recebendo outras crianças em sua casa e sustentando-as. De 1954 até 1975 essa família ajudou 98 crianças a reorganizarem suas vidas. Henrique Liebich, apesar de ser semianalfabeto e ter sérios problemas de saúde, soube ler as dificuldades dos necessitados e abandonados e ajudou-os como pôde.

Da mesma forma, o Pr. Horst Borkowski, após experiência traumática da guerra, resolveu dedicar sua vida a Deus, ajudando aos necessitados. Pessoas que receberam duros golpes na vida e reagiram positivamente conseguem entender melhor a necessidade do próximo. Parece que pessoas especiais conseguem ajudar melhor pessoas especiais. Com isso não estou excluindo pessoas ou voluntários que não tiveram nenhuma experiência desse tipo, pois podem ter tido outras.

Henrique Liebich, juntamente com sua família deixou um exemplo a ser seguido: acolheu crianças em sua família a partir de motivações espirituais. Estas foram surgindo naturalmente a partir da leitura da Bíblia. Ao se defrontar com textos como “Deus é pai dos órfãos”, Henrique Liebich entendeu que isso só se realiza na prática por meio de ações concretas desenvolvidas por pessoas. A partir da leitura e da prática de textos como o acima citado é que as crianças poderiam ver em “Deus Pai” alguma esperança para o futuro.

Este fato pode servir de incentivo para que a adoção temporária em família acolhedora que seja divulgada e praticada. Enquanto os candidatos estão na fila de adoção aguardando a decisão do Poder Judiciário para adoção definitiva de uma criança, esta poderá estar sob a tutela de uma família acolhedora. Assim não precisará passar por uma instituição. A guarda provisória não poderá vir a se tornar adoção definitiva. Para não criar vínculos, a família acolhedora e a criança devem estar informadas sobre a legislação que rege a adoção. Há situações em que a criança ficará temporariamente com a família acolhedora, até que a situação da família biológica dessa criança seja resolvida – podendo, então, retornar ao seu convívio familiar.

O surgimento do Orfanato Henrique Liebich se deu a partir do *voluntariado* que, por sua vez, está ligado à espiritualidade. Aliado a isso está o fato de o Brasil estar entre os seis países que se destacam na prática do voluntariado. Historicamente, no Brasil o voluntariado esteve ligado à religião. Na prática batista o voluntariado é um importante conceito para transformação social. Assim, antes de falecer Henrique Liebich deixou impregnado na sua “equipe” que é possível causar transformação social sem a prática de assistencialismo.

Acima já vimos que o Estado falhou em algumas de suas atribuições legais. Agora a igreja, que talvez fosse a esperança de Henrique Liebich, também falhou num primeiro momento. Mas Henrique Liebich estava convicto e sabia o que queria e aonde e como chegar. Por isso, um conceito igualmente importante é a *vocação*. No contexto batista, a leitura da Bíblia leva a pessoa a um relacionamento com Deus. Nesse relacionamento o leitor descobre que Deus não admite que pessoas sejam oprimidas e exploradas. Com a descoberta o leitor se sente motivado a produzir algum tipo de reação em relação a determinada situação de opressão. Pela fé, o leitor aprofunda ainda mais o seu relacionamento com Deus e se sente vocacionado para ações sociais que causem transformação social.

A partir de conceitos como espiritualidade, voluntariado e vocação, surge também a ação social. Esta está fortemente impregnada na Convenção Batista Pioneira do Sul do Brasil (CBPSB). Com base na Teologia da Missão Integral, a CBPSB conseguiu desenvolver vários projetos de ação social, já descritos na introdução desta pesquisa. Todos os projetos de ação social são mantidos por voluntariado, doações e dívidas ou ofertas dos membros e não membros das igrejas que compõem a CBPSB. Ao perceberem os resultados práticos dos seus investimentos, os membros e não membros se sentem compelidos a continuarem contribuindo para que a transformação social aconteça em larga escala na sociedade brasileira. Outro fator motivacional é a prestação de contas (do setor financeiro) por parte dos projetos sociais aos voluntários.

A CBPSB visa a auxiliar na transformação social de pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social, com o objetivo de devolver à pessoa sua cidadania, distinta, porém, do modelo histórico brasileiro desde os tempos coloniais, quando se fortaleceu um conjunto de organizações não governamentais de caridade, quase sempre por inspiração religiosa, vindo a consolidar práticas assistencialistas.

Ao longo do capítulo, a desestruturação familiar apareceu como causa para a vulnerabilidade social infantil. Desprende-se assim a necessidade de fortalecer a família. Atualmente uma família pode ser composta, por exemplo, por uma mãe e seu filho, sem a presença do pai; ou ainda a avó e seu neto, enquanto a mãe vive em qualquer lugar longe do filho ou já está compondo outra família. A falta da figura do pai gera insegurança para a criança. Em algum momento ela vai tentar chamar a atenção ou se vingar na sociedade porque não se sente amparada como precisa. A CBPSB desenvolve atividades específicas para as famílias. No ano de 2013, o lema da CBPSB foi “Valorizando as novas gerações” e em 2014, “Família: valor inestimável”. Assim as famílias são incentivadas a permanecer unidas, procurando resolver seus conflitos. A família é como um porto seguro para a criança: ela deve saber que poderá contar com a ajuda dos pais em situações difíceis.

As crianças em situação de vulnerabilidade social são apenas um sintoma da sociedade doente. Algumas mães entregaram seus filhos talvez porque era o melhor que elas poderiam fazer por eles. Talvez ela mesma – a mãe – ainda desejasse ser adotada para receber educação, segurança e afeto, mas acabava recebendo um filho. Se as políticas públicas do Brasil atendessem à necessidade integral dos brasileiros, obviamente não haveria “depósitos de crianças”.

Ao concluir esta retrospectiva da história do Lar, quero registrar sistematicamente os valores mais importantes que nortearam a família Liebich em seu protagonismo na criação e condução dessa obra de cuidado das crianças em situação de vulnerabilidade. Esses valores são determinantes para a construção desta tese. Por isso, passo a considerá-los *categorias* que requerem uma análise científica. Essa análise será feita no capítulo 3. Aqui cabe registrá-las e situá-las, como segue.

1) Capacidade de *leitura da realidade da criança* em situação de vulnerabilidade

Henrique Liebich não era um homem de grandes posses materiais, ou mesmo erudição. Porém, seus valores espirituais o capacitavam a perceber a necessidade das crianças em situação de vulnerabilidade. Essa capacidade de leitura e sua consequente sensibilização o levaram a tomar atitudes práticas para proteção das crianças.

2) Capacidade de articulação do *voluntariado*

Como o ministério de Henrique Liebich era grande, ele precisava de muita ajuda. À medida que o número de crianças acolhidas aumentava, Henrique Liebich ia expandindo seu trabalho em rede. Aceitava a ajuda dos vizinhos, de padres, o auxílio financeiro do exterior (MASA) e de colaboradores em geral. Nisso percebi que os colaboradores não apareciam do nada: era preciso empenho para levantar pessoas dispostas a investir em crianças abandonadas ou órfãs. Contudo, Henrique Liebich foi muito sábio ao contar com a ajuda de fora. Ele deu exemplo ao ser um bom líder – aquele que não trabalha sozinho, mas delega funções fazendo com que mais pessoas ajudem e se envolvam.

3) Valorização do conceito *família*

Henrique Liebich valorizava a família porque nela se constituem as bases para a formação de um cidadão, mesmo criança. Ele não via a criança em forma de adulto pequeno, mas como um ser humano que conseguiria suprir suas necessidades básicas em uma família para que pudesse se desenvolver nos sentidos intelectual, físico, espiritual e social. Essas necessidades também estavam presentes no desenvolvimento do menino Jesus (Lc 2.52).

4) Aposta na importância da *vocação*

A vocação tornou-se importante pelo fato de ele reconhecer que a imensa obra de proteger as crianças que estavam diante dele não poderia ser realizada através de uma profissão apenas remunerada, mas precisava ir mais longe, isto é, empenhar toda a sua vida. A constatação verificada com as mães sociais mostra que é necessário ser vocacionado para desenvolver a função.

5) Filantropia

É uma palavra que vem do grego, composta por φιλέω (*phileo*), “gostar de”, “amar”, e ἄνθρωπος “homem”, no sentido de humanidade. Portanto, a palavra filantropia¹ significa gostar de pessoas. Essa característica estava bem visível em Henrique Liebich por gostar das crianças e amá-las a ponto de acolhê-las em sua própria família.

¹ A palavra aparece no NT em Tt 3.4.

6) Amor

Outra característica que estava impregnada em Henrique era o amor, que em português pode ter vários significados. Para descrever “amor” farei uso da língua grega, visto que esta é mais específica no que se refere. Há pelo menos quatro termos gregos que descrevem amor: A) *φιλία* (*philia*) denota “amizade”, “devoção”, “favor”. Numa formação composta aparece como *φιλαδελφία* (*philadelphia*), “amor pelo irmão” (2 Pe 1.7).² Num sentido geral, descreve a amizade e o amor entre pessoas ou irmãos da comunidade. B) *στοργή* (*storge*) significa “amar”, “sentir afeição”, especialmente no que diz respeito ao amor mútuo entre pais e filhos. Também pode ser empregado para descrever o amor de um povo pelo seu rei e o amor de um deus tutelar pelo seu povo, e até mesmo dos cachorros pelo seu dono. Não é comum para descrever o amor entre cônjuges.³ C) *ἔρως* (*eros*) é usado para descrever o amor sensual entre um homem e uma mulher. Abarca “anseio”, “anelo” e “desejo”. *Eros* (daí surge o termo *erótico*) é o tipo de amor que deseja tomar posse de algo. É o amor em forma de paixão.⁴ D) *ἀγάπη* (*agape*) “amor”. Conforme definição de Günther e Link, esse tipo de amor não se “refere ao anseio humano por posses ou valores, mas sim a uma iniciativa generosa de uma pessoa por amor a outra. Tal fato se expressa sobretudo no mundo em que se emprega *agapetos*, mormente a respeito de uma criança, mas especialmente quando se trata de um filho único ao qual se dá todo amor dos pais”.⁵ É o amor sacrificial, aquele que dá sem esperar nada em troca da outra pessoa. Portanto, diferente dos três tipos de amor descritos anteriormente e que normalmente esperam ou exigem algo em troca do amor dado.

7) Espiritualidade

A espiritualidade de Henrique Liebich foi obtida por meio do seu relacionamento particular com Deus. Ao longo da descrição deste capítulo, percebi que inúmeras vezes Henrique Liebich orava. Suas orações não eram egocêntricas, mas

² GÜNTHER, Walter; LINK, Hans-Georg. ἀγάπῳ. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. (Ed.). *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1, p. 113.

³ GÜNTHER, 2000, p. 113. No NT o termo ocorre apenas na forma composta de *astorgos* em Rm 1.31; 2 Tm 3.3 e *philostorgos* em Rm 12.10. Ainda aparece em alguns escritos primitivos como 1 Clem. 1.3 e Policarpo 4.2.

⁴ GÜNTHER, 2000, p. 113.

⁵ GÜNTHER, 2000, p. 114.

filantrópicas. Orava por sua família e pelas crianças que precisava acolher. Para enfrentar situações difíceis, orava pedindo sabedoria a Deus. Quando aconteciam frustrações de safra, orava a Deus para que Ele lhe mandasse alimentos. Em resposta às suas orações, Deus mandava pessoas com mantimentos. Quando Henrique Liebich não podia confiar em pessoas ou igrejas, ele simplesmente orava e dizia: “Vou contar com aqueles que Deus me der para ajudar neste trabalho”.

8) Visão de integralidade do ser humano

Mesmo sendo crianças, Henrique Liebich as via como seres humanos e, portanto, dignas de cuidado integral. Ele proporcionava a elas não somente alimentação e roupas, mas também afeto, quando seus filhos “dividiram” a própria mãe para que outras crianças recebessem um pouco de afeto e carinho maternal. Ele também oferecia às crianças a possibilidade de aprender a ler e a escrever. Dava assistência espiritual em sua casa ou levando-as de trator e carreta ou caminhão à igreja. Fazia tudo o que estava ao seu alcance para o bem das crianças. Para que elas, órfãs ou não, fossem bem atendidas, ele colocou seus bens à disposição delas. Passou o que era seu, privado, para o público, mesmo que infantil.

9) Determinação

A determinação da família Liebich vinha a partir da leitura da Bíblia. Mesmo com dificuldades para ler, Henrique Liebich entendeu o suficiente: Deus era Pai dos órfãos. Porém, para Henrique Liebich isso só aconteceria na prática por meio de pessoas que estivessem dispostas a se colocar nas mãos de Deus e deixar que Ele agisse através delas em prol dos órfãos. Assim, Henrique Liebich pode ver essa citação bíblica se cumprindo por meio de sua vida, a qual continua uma realidade até hoje.

10) Disciplina

Em relação à disciplina, Henrique Liebich era rígido. Segundo o testemunho dos filhos, todo erro era corrigido e não se falava mais sobre isso. Essa atitude dava aos filhos a grata sensação de terem sido perdoados. A mesma disciplina que exercia sobre seus filhos também exercia sobre as crianças acolhidas. Para a disciplina e a correção baseava-se em textos como: “Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela, e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles” (Pv 22.6) e “A vara da

correção dá sabedoria, mas a criança entregue a si mesma envergonha a sua mãe” (Pv 29.15).

11) Educação

Um conceito igualmente importante para Henrique Liebich era a educação. Esta também tem fundamentação teológica, pois sabia que uma criança carece de ensinamentos. Seria uma violência contra a Humanidade negar educação a uma criança, ela precisava aprender sobre a existência da liberdade para que pudesse sair do estado em que se encontrava. Henrique Liebich poderia estar fundamentado em 1 Tm 3.14: “Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu.”

12) Graça

Aqui posso destacar o fato de que o modelo da lei não tem uma visão integral do ser humano como Henrique Liebich tinha, baseado na fé em Deus. O Estado, por exemplo, não consegue oferecer afeto. Pode aplicar a lei, mas não tem amor. Henrique Liebich entendeu o que muitos até hoje não entendem: para uma criança em situação de vulnerabilidade, a lei sem amor não significa muito. A partir desse entendimento Henrique Liebich contrabalançou a lei com a graça. Levava as crianças à igreja para que estas pudessem se sentir perdoadas e perceber que existia um futuro para elas, apesar de toda a desgraça que havia se instalado na vida delas. Em outras palavras: o Estado aplica a Lei; a igreja aplica a graça.

A partir destas categorias posso dizer que Henrique Liebich tornou-se um exemplo em relação ao cuidado de órfãos no Brasil. Esse fato fica comprovado a partir do momento em que o município de Ijuí é considerado referência em cuidados com crianças em situação de vulnerabilidade, contando ainda com outras instituições de acolhimento. Fica evidente que seria melhor se estas não precisassem existir, mas para muitas crianças é a única solução. Infelizmente.

Outras características poderiam ser consideradas para análise científica, mas, devido à limitação de tempo e espaço para esta pesquisa, fica aqui o desafio para que futuros pesquisadores possam explorar melhor estas características. Características que no mundo pós-moderno estão cada vez mais raras, porém fizeram com que Henrique e

Frieda Liebich construísem um trabalho em cima de uma fundamentação que permanece abençoando pequenas vidas, mas que são grandes porque fazem parte da população de um Brasil grande. O país precisa com urgência de valores e princípios movidos pelo amor *ágape*. O amor que não é movido por ganância, mas que dá sem esperar nada em troca. Esse amor pode diminuir a violência contra as crianças e ainda lhes oferecer afeto, carinho, esperança e segurança. Tudo o que uma criança necessita para crescer e se tornar cidadã desta sociedade e do Reino.

À metodologia pedagógica do amor de Henrique Liebich ainda pode ser acrescentado o pensamento de Paulo Freire, que vem coadunar com o trabalho prático de Henrique Liebich: “Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. É porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”.⁶

⁶ *REVISTA do Professor*. São Paulo: SINPRO ABC, mai/jun. 2007, n. 6, p. 5.